



LEILA SLIMANI RABAT, PARIS, LISBOA, O MUNDO

Texto de Margarida Calafate Ribeiro PÁGINAS 29 A 31



JORNAL
DE LETRAS,
ARTES E
IDEIAS

JL

ANTÓNIO PIRES

Felizmente, há teatro ao luar

Entrevista PÁGINAS 20 E 22

FERNANDO PEREIRA MARQUES

Um totalitarismo à portuguesa

Pré-publicação PÁGINA 24 E 25

MARIA DO ROSÁRIO PEDREIRA

O CORPO DA POESIA

O seu novo livro
de versos, *O meu corpo
humano*, a edição,
as letras para fados, a vida.

Entrevista de Luís Ricardo Duarte,
crítica de António Carlos Cortez

PÁGINAS 7 A 10

Alfred Brendel “A obra musical precisa de um beijo de vida”

Entrevista de Bruno Caseirão

Nuno Júdice escreve sobre um inédito de Camões • As transições do mundo,
por Boaventura de Sousa Santos • Luís Faro Ramos faz um ‘balanço’ da Bienal
de S. Paulo • Trump, Bolsonaro e outros, por António Mega Ferreira



RITA CARMO

MEMOIRS - FILHOS DO IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS

Até 22 de agosto continua patente ao público, na Fundação Gulbenkian, a exposição “Europa Oxalá”, que se insere no projeto *Memoirs - Filhos do Império e Pós-Memórias Europeias*, com uma diversificada programação, tendo como objetivo estudar e criar um pensamento sobre o pós colonialismo – e “Des-cobrir a Europa”. Foi esse o tema e capa do nosso nº 1349, de 15 de junho passado – tema que agora se completa, ou complementa, com textos de Paulo Faria, escritor e tradutor, e de Margarida Calafate Ribeiro. Esta prof^a, investigadora do CES e cotitular da cátedra Eduardo Lourenço, da Universidade de Bolonha, é a coordenadora do projeto, financiado pelo Conselho Europeu de Investigação, e em sessão nele integrado dialogou com a bem conhecida escritora franco-marroquina Leila Slimani, Prémio Goncourt, sobre a qual, e a realidade dos seus livros, aqui escreve

Leila Slimani

Rabat, Paris, Lisboa, o mundo

MARGARIDA CALAFATE RIBEIRO

❖ No âmbito da programação da exposição Europa Oxalá na Fundação Gulbenkian, onde a partir do olhar das gerações seguintes somos confrontados com as heranças coloniais na Europa de hoje, tive o privilégio de estar à conversa com a escritora Leila Slimani. É esta mudança da escala do olhar que encontramos na sua obra.

Nascida em 1981, a 560 quilómetros de Lisboa, em Rabat, numa família de expressão francesa, a língua da casa, da escola, da colonização, mas também da emancipação, da liberdade e dos escritores e dos artistas que alimentavam uma juventude mergulhada numa realidade política fechada e autoritária, e particularmente opressiva em relação às mulheres. Filha de filhos da independência e dos anos 60 – mãe médica, pai banqueiro e político – Leila partiu para Paris, aos 17 anos, onde estudou Sciences Po, com todas as expectativas de emancipação e liberdade.

Antes de se dedicar à escrita literária foi jornalista na revista *Jeune Afrique*. Interessou-se particularmente por jovens mulheres marroquinas, as suas lutas, as suas vidas, a sua sexualidade, num país em que o aborto, o sexo fora do casamento e a perda da virgindade são potencialmente criminalizáveis, bem como a homossexualidade.

Em *Sexe et Mensonges*, publicado em 2017, a escritora parte das vozes destas mulheres para afirmar que a vida privada é política e neste contexto milita ativamente pelas causas feministas, recebe o Prémio Simone de Beauvoir para a Liberdade das Mulheres e desenvolve o seu fascinante e variado universo ficcional.

Leila Slimani é também uma diplomata francesa, nomeada pelo Presidente da República, Emmanuel Macron, como a sua representante pessoal na Organização



Leila Slimani Prémios Goncourt e Simone de Beauvoir para a Liberdade das Mulheres, “um fascinante e variado universo ficcional”

Internacional da Francofonia. Na altura da sua nomeação declarou: “Terei antes de mais a missão de desvendar a própria noção de francofonia, para lhe devolver o seu brilho, a sua juventude, o seu dinamismo”, elogiando essa “realidade muito viva”.

É essa realidade muito viva que está muito presente na sua escrita e na sua obra sempre à volta da história, da memória, do social, do político, e cujos espaços, como os da francofonia, podem ser Paris, Marrocos ou o mundo. No centro das ações estão sempre as mulheres e os seus pontos de vista, como fica bem patente logo nos seus dois primeiros romances, *Jardim do Ogre*

No seu último livro, *O Perfume das Flores à noite*, em pouco mais de cem páginas oferece-nos um retrato íntimo e expressivo da sua identidade, traça os contornos da sua escrita e da sua vocação

(2014) e *Canção Doce* (2016), vencedor do Prémio Goncourt, o mais importante prémio literário francês que a projetou mundialmente.

Como no primeiro romance, Paris dos anos 2000 é o cenário; o meio social é a burguesia que habita nos bons bairros, detentora de profissões qualificadas, bem pagas e de um certo modo de vida que passa por ter empregadas, muitas vezes oriundas de antigas colónias francesas, para tomar conta dos seus filhos. Não foi o caso do casal protagonista deste romance, que contrata Louise, uma francesa branca, perfeita e infeliz, que como todas as amas faz um trabalho indispensável, mas invisível aos

olhos destes patrões, profissional e socialmente bem sucedidos. Até ao dia em que o imprevisível os coloca violentamente à prova.

O retrato deste Paris é iminentemente político pelo viés da família, da domesticidade e do feminino, como, de outra forma surge na trilogia que vai ter como espaço central o seu país natal. Nestes romances a questão que a mobiliza está inscrita no seu último livro, *O Perfume das Flores à noite*, onde em pouco mais de cem páginas a autora nos oferece um retrato íntimo e expressivo da sua identidade, ao mesmo tempo que traça os contornos da sua escrita e da sua vocação:

“Que temos nós a contar quando sentimos que não pertencemos a lado nenhum?”

E responde:

“Muitos pensam que escrever é reportar. Que falar de si mesmo é contar o que se viu, relatar fielmente a realidade de que se foi testemunha. Eu, pelo contrário, gostaria de contar aquilo que não vi, aquilo de que nada sei mas que me obceca. Quero contar os acontecimentos a que não assisti mas que, não obstante, fazem parte da minha vida. Quero pôr palavras sobre o silêncio, desafiar a amnésia.”

DAS MEMÓRIAS E DA HISTÓRIA DA EUROPA E DE ÁFRICA

É desse desejo que surge *O País dos Outros* e *Regardez-nous danser* (brevemente em português com mais uma tradução da notável Tânia Ganho), com que inicia a anunciada trilogia sobre a relação entre Marrocos e a França, ou, num sentido mais lato, entre Europa e África, a partir de uma história familiar que une os dois países, os seus tempos e as suas histórias. Ler *O País dos Outros* e *Regardez-nous danser* é justamente fazer uma leitura dessa história entrelaçada

dos dois continentes, e de dois tempos – o da II Guerra Mundial e da dominação colonial e os tempos de libertação do nazismo, dos nacionalismos e das independências – a partir de Marrocos e da França e a partir da dimensão de uma família e dos seus membros que epitomizam essa relação, entre a Europa e África, entre Marrocos e a França, ao longo de três gerações.

Com *O País dos outros* – a guerra, a guerra, a guerra a escritora inicia esta trilogia, onde a geração que vive a II Guerra Mundial, é protagonista: a sua avó alsaciana, Matilde, e o seu avô marroquino Amine, que integrava os contingentes de soldados das colónias que vieram defender a França na Europa. No final da guerra casam e vão viver em Marrocos, na cidade de Meknes, primeiro numa casa familiar dominada por mulheres, mas onde elas estão fechadas, subalternizadas pelo seu analfabetismo e oprimidas por um regime patriarcal que não faz cerimónia para se impor com toda a sua violência.

Matilde está simultaneamente encantada com o país e perdida; precisa dos códigos de leitura deste país que não conhece e sente que fez uma viagem sem regresso. Em França será sempre a casada com um subalterno, um árabe; em Marrocos a estrangeira, a europeia, demasiado loira, demasiado livre, demasiado culta, demasiado alta até em relação ao seu marido, significativamente mais baixo do que ela. Mais tarde o casal vai viver para as terras agrestes que Amine tinha recebido como herança do seu pai onde queria construir uma quinta.

O romance gira à volta da epopeia deste homem e desta família para construir “A nossa terra!” nos anos do pós guerra, que são simultaneamente os anos das lutas pela libertação do colonialismo francês, um tempo de fratura, que divide o país e a família. Amine não se refere à “terra” com a exaltação nacionalista do seu irmão Omar, nem com o direito brutal de posse dos colonos franceses, que o marginalizam.

Amine é um proprietário que luta por sair da pobreza e pelo sucesso. Deste casamento nascem Aicha e Selim, os mestiços, testemunhas deste amor improvável em terreno colonial e de enorme desafio em ambiente nacionalista. Onde se situava esta família observada como estranha, sempre ambígua? Seria Amine o *chauffeur* desta senhora, ou o pai dos seus filhos? Como teria esta senhora loira, alta de olhos verdes, que conduzia um carro e tinha um dispensário, ido parar a esta situação, em que um árabe possuía o seu corpo, como se interrogava o médico francês que observou Matilde quando esta caiu doente e olhava com horror para os seus filhos mestiços?

Por seu turno, Amine, ao mesmo tempo que quer agradar a Matilde, não abdica das tradições da sua realidade cultural; ao mesmo tempo que tem na sua quinta um bando de



Rabat A cidade onde a escritora nasceu, em 1981, “a 560 quilómetros de Lisboa”

trabalhadores miseráveis, sofre as humilhações do subalterno na rua da cidade francesa e é brutal em casa com Matilde, que não abdica do seu espaço, da sua liberdade num país extremamente patriarcal e machista. É o colonialismo com a sua violência e a sua hierarquia do avesso, fora e dentro de casa, olhado a partir dos quadros da intimidade e da perspectiva feminina como nunca o vimos na literatura francesa. E a disputa dar-se-á justamente sobre o corpo de uma mulher, Selma, a belíssima irmã de Amine, que todos insistem em violentar. Selma é violentada pelo irmão Omar, desacarinhada pela mãe, protegida pela cunhada Matilde, quando aparece grávida de um avião branco glamoroso.

MATILDE TERIA MAIS OU MENOS TENTADO

arranjar um aborto clandestino sem sucesso e é violentamente atacada pelo seu marido, quando este descobre uma fotografia deste belo casal, também ele improvável. Selma é casada à força com Mourad, o capataz da quinta e antigo ajudante de campo de Amine dos tempos da guerra. Percebemos mais tarde que pelo corpo e o espírito de Mourad tinham passado todas as guerras da França. É violento e triste, sofre os dramas do isolamento e dos traumas brutais do ex-combatente, que ele encarna.

Selma sairá do cenário familiar, como Selim o filho do casal que também não se enquadra no esperado. E será de novo sobre uma mulher, Aïsha, filha de Amine e de Matilde, que todas estas tensões raciais, políticas e culturais vão convergir. Aïsha é enviada para uma escola católica na cidade, mas ela não pertence aos marroqui-

nos e é humilhada pelas meninas europeias que não a contemplam no seu mundo: o seu cabelo frisado e o seu ar mestiço, a sua roupa caseira e feia, a velha carrinha em que chega à escola conduzida por um árabe (o seu pai), deixam-na de fora deste paradigma fechado e excludente criado pelo colonialismo e futuramente pelo nacionalismo.

O amor dos seus pais, de que ela é fruto está fora destes planos e isso é-lhe transmitido em Marrocos e depois em França. Isola-se e encontra no estudo e na fé um caminho, o que também perturba uma família que, ao mesmo tempo que festeja o Natal, é de cultura muçulmana, ao mesmo tempo que a protege, projeta nela a afirmação do futuro. Que cruzamento poderia Aïsha fazer da sua identidade vivida em meio familiar e da representação que os outros lhe transmitiam? Ambas as narrativas alimentariam a sua imaginação e a Aïsha carregará as marcas desse combate.

É para a antiga metrópole que Aïsha vai estudar medicina, para a Alsácia natal da sua mãe, nos revolucionários anos de 1960, 68 em particular, a mesma Aïsha que em criança, na altura da independência, vê as casas e as quintas dos colonos a arder e deseja que partam. “Deixa-os arder, pensou ela. Deixa-os ir longe. Deixa-os morrer.” Esta é a história que vai reencontrar em terreno europeu, a história dos subalternos racializados com os quais logo é identificada.

Aïsha é a protagonista do 2º volume da trilogia, *Regardez nous danser*, que é já sobre a geração dos pais de Leïla Slimani, os filhos da independência. Situa-se num Marrocos independente e à reconquista do seu projeto nacio-

nalista antiquíssimo em tensão com a modernidade a liberdade, a emancipação, a democracia, que paradoxalmente a presença colonial francesa tinha introduzido e a que todos os jovens educados queriam aderir. Estão em plenos anos 60/70, anos de intenso debate político sobre outras formas de viver em comum, de desenvolvimento, de emancipação das mulheres.

NA OBRA A ATENÇÃO AOS

ACONTECIMENTOS marcantes, e o fascínio pelo Ocidente vai do cinema americano ao vestuário que as personagens usam e às conversas e vivências que têm e que desenham, as metamorfoses que as personagens vão sofrer. Medhi o jovem professor universitário por quem Aïsha se apaixona no dia inesquecível em que a Humanidade chega à Lua, vai fazer o seu percurso de jovem idealista e leitor voraz de todas as novidades a funcionário do reino, que reconhece opressor e corrupto, ao mesmo tempo que se

rende à melancolia dos projetos sonhados por uma geração que se vai entregando entre a vida burguesa, o cinema americano e a nostalgia de um outro país dos outros.

Na paisagem e a assegurar uma economia em desenvolvimento protagonizada pelas elites saídas da independência, de que Amine e a sua família são exemplo, continuavam os camponeses, com os seus corpos vergados pelo trabalho, com as suas famílias pobres e excluídas da sociedade pelo seu analfabetismo e agora em fuga para as grandes cidades ou para a emigração para França, onde outros trabalhos os aguardam.

Como se situa a escritora Leïla Slimani, herdeira desta história marroquina e francesa e destes tempos que não viveu, mas que lhe pertencem e a definem? Está-nos prometido o 3º volume, que será justamente o do tempo da geração da autora, a geração da diáspora, do cosmopolitismo e do futuro, daquelas e daqueles que já não viveram o período colonial, as independências e as descolonizações, mas cujas vidas e identidades se encontram hoje na Europa contemporânea marcadas por essa herança.

É a partir dela, e da história que ela contém, que se podem afirmar 100% marroquinos, 100% franceses e que criam as suas obras, em que interpelam a Europa, as suas democracias e as suas narrativas, como a geração de artistas da exposição Europa Oxalá, com que iniciei este artigo e como muitas das narrativas patentes no livro *Des-Cobrir a Europa – filhos de império e pós-memórias europeias* que tive o privilégio de escrever e lançar este ano com a Fátima da Cruz Rodrigues. JL

É a partir da Europa, e da história que ela contém, que se podem afirmar 100% marroquinos, 100% franceses e que criam as suas obras, em que interpelam as suas democracias e as suas narrativas